

# AMORISMO: visualizando a afetividade no espaço escolar através da visão discente

## LOVINGNESS: noticing affective bonds in the school environment through perceptions of students

*Cristiano da Cruz Fraga<sup>1</sup>*

*Cecilia Decarli<sup>2</sup>*

**Resumo:** Percebemos a importância dos vínculos afetivos dentro da escola para uma aprendizagem mais significativa. O estudo analisou as respostas de 179 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental referentes à afetividade entre aluno/professor, suscitando memórias dessa relação na trajetória escolar. A maioria dos discentes se mostra bem e feliz, mas contrariada dentro da escola, e 80% ou mais dos entrevistados preferem professores de perfil afetivo, amigos, carismáticos e que falem de assuntos gerais com eles. Todas as memórias descritas mostraram relações de carinho. A partir dos dados levantados apresentamos as práticas do amorismo como uma tendência na educação moderna, onde o amor está presente nas relações escolares.

**Palavras-chave:** Amorismo. Afetividade. Educação. Discentes. Docentes.

**Abstract:** We have noticed that affective bonds play an important role for a meaningful learning in school. This study analyzed the answers of 179 students from the 6th to the 9th grade of elementary education regarding affection between teachers and students, raising memories of this relationship in their school path. Most of the students seem to be well and happy, but displeased at school. The results show that 80% or more of the interviewees prefer affectionate, friendly and charismatic teachers and those who talk about general topics with them. All described memories expressed caring relationships. Based on the data collected, we present lovingness practices as a tendency in modern education, in which love is present in school relationships.

**Keywords:** Lovingness. Affection. Education. Students. Teachers.

### 1 INTRODUÇÃO

Não precisamos ser nenhum especialista para percebermos, nos tempos de hoje, a carência de afeto, empatia e sensibilidade nas relações interpessoais no âmbito escolar e social de uma maneira geral. A desvalorização da educação e da instituição escolar somadas à crise social é o que leva o mundo a ser tão violento e competitivo, e isso nos traz a necessidade urgente de repensar nossa postura quanto educador.

Neste contexto, priorizar o amor no seu sentido mais amplo e complexo é um caminho a ser considerado; utilizar este sentimento como uma prática ou forma de viver pode ser transformador. Segundo Almeida (2015), onde existe amor não há espaço para o vazio e a negatividade, já que o amor defende a vida alheia pela simples satisfação de fazer o bem, não espera nada em troca, é espontâneo e incondicional e, acima de tudo, se faz paciente a perder de vista. Almeida (2015) faz uma analogia da humanidade com a floresta:

---

<sup>1</sup> Especialista em História Africana e Afro-Brasileira pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Licenciado em História pela FAPA, professor de História, tutor presencial do curso de Licenciatura em Filosofia na UFPEL-RS. E-mail: dacruzfraga@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestra em Biologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Especialista em Gerenciamento Ambiental pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Gestão Pública pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Licenciada em Ciências Biológicas pela UNISINOS, professora de Ciências e Biologia, tutora presencial do curso de Licenciatura em Filosofia na UFPEL-RS. E-mail: cecilia\_decarli@hotmail.com.

[...]Se pensarmos na humanidade como uma floresta imaginária, as folhas do amor estariam espalhadas em todas as suas árvores, embora nem todas exalasses o amor, uma vez que, em 50 mil anos de evolução da humanidade, o ódio ainda está enraizado e predomina em muitas delas. As folhas e flores do amor, contudo, não deixam de desabrochar, porque são resistentes. Mais que isso: são resistentes (ALMEIDA, 2015, p. 4).

O amor faz do outro alguém legítimo na convivência, e interações recorrentes do amor ampliam e estabilizam a convivência; já as interações vindas da agressão interferem e rompem a convivência (MATURANA, 2002). Sendo assim a escola deve ter o papel de cuidado, assegurando a integridade da criança e do adolescente, estabelecendo vínculos afetivos entre todos os que compõem o espaço escolar.

Chalita (2003), na sua obra *Pedagogia do amor*, mostra aos pais e professores a contribuição das histórias universais para a formação de valores da nova geração, tão carente de princípios como respeito, solidariedade e idealismo. O autor tenta fazer isso de forma lúdica, propondo, por meio de histórias infantis clássicas da literatura, resgatar no leitor adulto os valores para viver em sociedade, para que em seguida ele passe isso para seus alunos e filhos, sempre priorizando a essência, em vez da aparência.

Sousa, Miguel e Lima (2010) trabalham a pedagogia do afeto, que, para eles, está vinculada ao zelo, cuidado e respeito pelo outro e recusa as atitudes de desafeto, prestigiando a vida em todas as suas dimensões, por meio de relações de amor que propiciem aos estudantes e professores entrar em contato com emoções e conservar a coexistência social.

Tassoni (2011) afirma que em toda aprendizagem existem vínculos de afetividade, já que ela ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular, e, referente à aprendizagem escolar, a trama que se dá entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, etc., não acontece somente no campo cognitivo, pois a afetividade permeia estas relações.

A nona competência da BNCC – Base Nacional Comum Curricular traz em seu texto que é necessário exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Para Sarnoski (2014), a afetividade vem a ser uma grande aliada na aprendizagem, devendo ser explorada

desde as séries iniciais, pois por meio dela podemos compreender as razões do comportamento humano e despertar a vontade de aprender no aluno.

A neurociência trabalha a ideia de que é necessário fazer uso da expressão de emoções na educação. Para Consenza e Guerra (2011), expressar emoções é importante para o aumento da aprendizagem, pois diminuem problemas de disciplina e preparam indivíduos mais capazes para viverem a vida em sociedade e atingirem plenitude em suas realizações pessoais.

Este estudo visa trazer uma nova concepção de ensino-aprendizagem, onde o professor faz uso da afetividade durante suas aulas e práticas docentes. Por meio de entrevistas com alunos das séries finais do ensino fundamental (6° ao 9° ano), queremos suscitar memórias referentes a professores que de alguma forma usaram o método afetivo em sua didática. Após análises, o termo amorismo será discutido como uma nova concepção didática.

O estudo tem por objetivos demonstrar a importância das práticas pedagógicas envolvendo a afetividade na relação docente/discente, analisar como discentes do ensino fundamental veem a prática da afetividade na educação e introduzir o termo amorismo como tendência na educação moderna.

### 1.1 A afetividade no ensino na visão de educadores renomados historicamente

Wallon coloca três aspectos importantes para o desenvolvimento da criança: motora, afetiva e cognitiva, que agem de maneira integrada e complementar entre si (DANTAS, 1992). Sendo assim, não existe desenvolvimento cognitivo sem trabalhar as emoções. É o desejo e a vontade de aprender que levam a criança a querer buscar o conhecimento. Portanto, o afeto é o ponto de partida para provocar o desejo de aprender no educando.

Ferreira e Régner (2010) fazem uma síntese das ideias de Henri Wallon em relação à afetividade, que concorda com a teoria freudiana e com os teóricos do desenvolvimento da criança de que o recém-nascido, em decorrência de sua indiferenciação somato-psíquica, expressa a afetividade de forma sincrética a partir das experiências de bem-estar ou mal-estar propiciadas pelas relações do organismo com o meio interno e externo. O seio materno vem a ser a primeira relação de amor entre o bebê e o meio externo. Ao longo do seu desenvolvimento a criança irá experimentar vínculos afetivos o tempo todo, alternando isso com o cognitivo, sendo a afetividade a base para sua sustentação e expressão. Assim, a afetividade vem do orgânico que depois emerge ao ser social.

A proposta educativa de Wallon é demonstrada por Mahoney e Almeida (2009):

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela (MAHONEY; ALMEIDA, 2008, p. 15).

Freire (1992) coloca a importância da amorosidade no ensino. A amorosidade e o diálogo constituem-se como elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, “o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1992, p. 43).

Piaget (1993) reflete sobre os aspectos cognitivos e afetivos na conduta humana. Apesar do autor não ter elegido a afetividade como tema de suas investigações, jamais a desconsiderou, e tampouco negligenciou sua existência e/ou interferência nas ações do sujeito. Desenvolveu teorias de desenvolvimento cognitivo, mas sempre deixou margem para a importância do desenvolvimento afetivo.

Para Piaget (1993):

À afetividade caberia então o papel de uma fonte de energia da qual dependeria o funcionamento da inteligência. Porém, não suas estruturas, da mesma forma que o funcionamento de um automóvel depende da gasolina, que aciona o motor, porém não modifica a estrutura da máquina (PIAGET, 1993, p. 188).

Neste trecho Piaget deixou claro que não existe desenvolvimento intelectual sem a afetividade, que elas estão interligadas, mesmo sem aderir à concepção de afetividade propriamente dita.

Libâneo (1994) vê a relação professor/aluno como uma condição importante e favorável à aprendizagem, pois dá sentido aos conhecimentos aprendidos, e é essa interação que acaba sendo o centro de todo processo de ensino e aprendizagem do aluno. Mesmo den-

tro de uma instituição de ensino, cercada de normas, essa relação deve ser baseada em ações recíprocas, como um se dirige ao outro.

Para Vygotsky (2003), a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e de modo geral, ao desenvolvimento da consciência. Quem separa o pensamento do afeto nega a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, mostrando que o indivíduo é resultado do processo afetivo, mental, cognitivo e físico, interno e externo.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi uma pesquisa transversal, de caráter descritivo, desenvolvida a partir da aplicação de um questionário estruturado em uma amostra aleatória estratificada, composta por 179 alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal localizada em um município do estado do Rio Grande do Sul. A escola selecionada foi escolhida por ser da rede pública de ensino e possuir duas ou três turmas de cada série final do ensino fundamental.

A escola possui 371 alunos, sendo 212 das séries finais do ensino fundamental, e 179 participaram desta pesquisa, sendo estes de 9 turmas. Para participar na pesquisa, o aluno deveria, primeiramente, estar matriculado, frequentar as aulas e estar presente no dia em que o questionário foi aplicado. A coleta dos dados foi realizada mediante a autoaplicação do questionário e de forma anônima, onde o aluno se tornou identificável pela série e idade. Este instrumento foi elaborado a partir de questionamentos que se fizeram pertinentes para os autores para demonstrar se os alunos necessitavam de afeto nas relações professor/aluno.

A coleta de dados foi realizada pelos autores durante o período de aula dos alunos, em encontros com as turmas selecionadas (sexto ao nono ano do ensino fundamental). Os pesquisadores apresentavam o questionário e em seguida permitiam o seu preenchimento. Os autores iam lendo as perguntas e explicando, e o procedimento durava, em média, 10 minutos. Durante todo o procedimento os alunos foram acompanhados e as dúvidas esclarecidas.

O questionário foi composto por 5 questões objetivas e 1 questão discursiva sobre a satisfação do aluno em relação à escola e aos professores que passaram pela sua trajetória escolar, a fim de que evidenciassem o afeto ou não nas suas relações escolares (quadro 1).

**Quadro 1:** Questionário aplicado com alunos das séries finais de uma escola pública

Pesquisa de satisfação em relação ao ambiente escolar e aos professores

**Identificação:** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

1- De maneira geral como você se sente na escola (**marque até 2 alternativas**):

( ) Bem e feliz – A escola é um ambiente na qual gosta de estar e se sente parte dela.

( ) Contrariado(a) – Não se sente bem em relação às regras impostas.

( ) Oprimido(a) – Simplesmente frequenta a escola por ser obrigado (a).

( ) Incluído(a) – Sente-se inserido dentro de todas as decisões tomadas na escola, é acolhido.

2- O que mais lhe agrada na escola (**marque 3 opções**):

( ) Equipe diretiva ( ) Professores ( ) Colegas ( ) Amigos ( ) Aulas

( ) Provas e atividades ( ) Recreio ( ) Festas e eventos

3- Para você, professores que tiveram papel significante na sua vida pessoal e nas suas escolhas tinham ou têm perfil:

( ) Autoritário

( ) Afetuoso

4- Você considera que tem uma melhor aprendizagem quando tem ou teve aulas com professores...

( ) Amigos e carismáticos.

( ) Rígidos e autoritários.

( ) Indiferentes – que apenas ensinam ou repassam os conteúdos.

5- Para você o professor ideal é aquele que:

( ) Fala de assuntos gerais, dá exemplos de vida.

( ) Apenas cumpre a tarefa de ensinar sobre sua área de conhecimento.

6- Pensando em toda a sua trajetória escolar até o momento, conte uma situação envolvendo algum professor que você gosta muito e marcou você de alguma forma; indique a série em que estava e relate o fato (use o verso da folha).

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da análise das respostas dadas pelos discentes nos questionários, fica constatado que os alunos se sentem bem e feliz e na escola na maioria dos casos, porém muitos sentem-se, ainda assim, contrariados em relação ao modo como a instituição funciona e como as regras são impostas; em segundo lugar os alunos se colocam como bem e felizes e incluídos no ambiente escolar.

A opção contrariado e oprimido surge na sequência, logo em seguida contrariado, seguidos de contrariado e incluído e bem e feliz (figura 1), o que nos faz refletir que em sua maioria os alunos sentem-se bem dentro do ambiente escolar e, além de desenvolver conhecimento, usam a escola como um local social e de trocas afetivas,

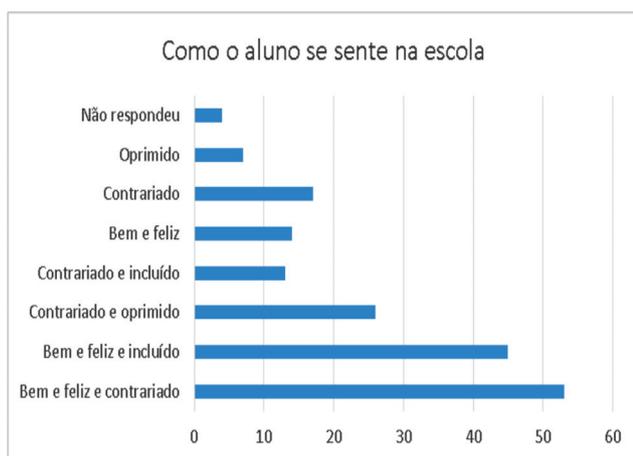
porém têm aversão ao sistema escolar como está imposto nos dias atuais.

Segundo Consenza e Guerra (2011), para a neurociência o ambiente escolar precisa ser estimulante, as pessoas devem sentir-se reconhecidas, e as ameaças precisam ser identificadas e reduzidas. O ideal é que a escola seja estimulante e alegre e ainda permita o relaxamento e diminua a ansiedade.

Visualizando as respostas obtidas e o que nos relata a neurociência, percebemos que muitos alunos sentem-se felizes no espaço escolar, mas que aparecem muito os termos contrariados e mesmo oprimidos, que muitas vezes ele não torna a todos incluídos no sistema educacional do jeito que vem acontecendo. Por isso, desenvolver bases sólidas de confiança através da afetivi-

dade é importante para que todos os alunos se sintam realizados e desenvolvam objetivos para estudar.

**Figura 1:** Gráfico representando como o aluno se sente diante da escola, onde cada indicador significa: bem e feliz – A escola é um ambiente no qual gosta de estar e se sente parte dela; Contrariado(a) – Não se sente bem em relação às regras impostas; Oprimido(a) – Simplesmente frequenta a escola por ser obrigado(a) e Incluído(a) – Sente-se inserido dentro de todas as decisões tomadas na escola, é acolhido



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

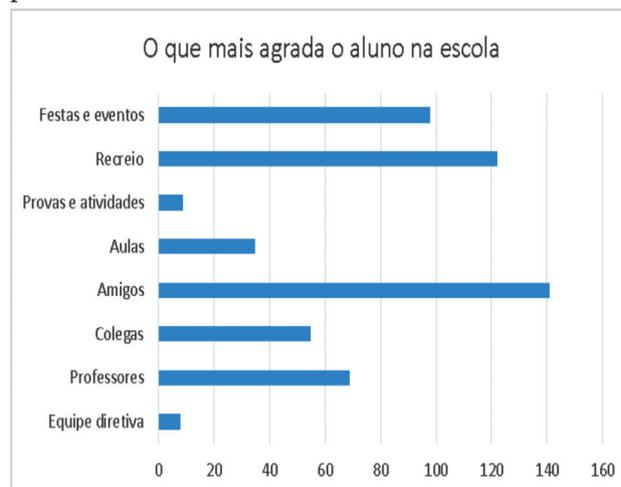
Ao serem questionados sobre os momentos de que mais gostam na escola, os itens com mais respostas foram amigos, recreio e festas e eventos, na sequência vêm os professores e colegas, sendo que aulas, provas e atividades e equipe diretiva receberam poucas respostas (figura 2).

Tais respostas nos remetem novamente à importância dos vínculos afetivos e emocionais gerados pelos alunos no espaço escolar. Consenza e Guerra (2011) colocam que, na fase da adolescência, é necessário estimular a confiança no grupo, trabalhos que envolvam colaboração, e para tal são importantes os momentos de descontração, o uso do bom humor, de artes e música em momentos na sala de aula.

O professor não precisa necessariamente propor sempre atividades superinovadoras, pode propor as mesmas ideias que já vem trabalhando, mas precisa, por um toque de bom humor, expressar suas emoções por meio da sua linguagem oral e corporal, a fim de trazer o aluno para realizar o que está propondo a nível de aprendizagem e conhecimento, usar recursos para sensibilizá-lo em relação ao que acontece ao seu redor, trocar o espaço de aprendizagem, ir para o pátio, tirar as mesas da sala de aula e interagir mais uns com os outros; já

que os alunos deixam claro que gostam dos momentos de descontração e socialização, estes podem ser aliados na busca da real aprendizagem.

**Figura 2:** Gráfico representando o que mais agrada ao aluno na escola, onde cada aluno indicou 3 (três) respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

80% dos alunos responderam que os professores de perfil afetuoso são os que mais marcaram sua trajetória escolar, e somente 20% optaram pelos professores de perfil mais autoritário (figura 3).

Os dados nos fazem refletir sobre a importância de buscar uma aproximação do professor para com o aluno através da amizade, fortalecendo os vínculos afetivos e contribuindo para tornar o ambiente escolar mais acolhedor e atrativo.

Para Freire (1996):

O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade; e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento que negam o que venho chamando a vocação ontológica do ser humano. Assim como inexistente disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, a autoridade ou a liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais (FREIRE, 1996, p. 99).

Sendo assim, o professor que muito se expõe autoritário acaba indo contra a liberdade, negando a parti-

cipação dos educandos, sendo o respeito mútuo a base para uma educação baseada no diálogo e liberdade de expressão, para partilha de saberes e percepções.

**Figura 3:** Gráfico demonstrando o perfil dos professores que mais marcaram a vida e escolhas dos alunos



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Em relação à aprendizagem significativa, 82% dos alunos responderam que aprendem melhor quando a aula é dada por professores amigos e carismáticos, 10% optaram pelo perfil do professor indiferente, que apenas ministra sua aula, sem muitas intervenções paralelas, e 8% apenas preferem os professores com perfil mais rígidos e autoritários (figura 4).

O autor Marchand (1985) afirma que

[...] resultado da posição sentimental do mestre: o autoritário provocará o temor inibitório do aluno; o que procura se fazer amar provocará na criança reações de complacência; aquele que se mostra maldoso despertará sentimentos e atitudes de oposição que levarão a uma educação contrária à desejada (MARCHAND, 1985, p. 18).

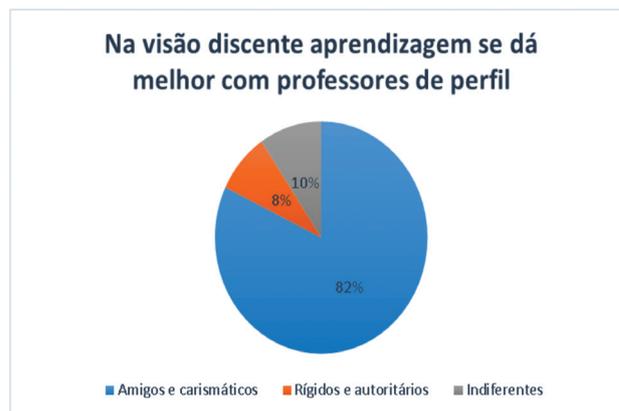
Um professor que demonstra ser a autoridade inibe o aluno de se expressar; assim, não participa de forma real do processo de aprendizagem. Um professor que não mostra sentimentalismo em relação às questões pessoais de cada aluno não respeita sua história, suas vivências e seu tempo de aprender, tornando o docente mero repassador de conteúdo, pois não há prazer nem no transmissor, nem no receptor do conhecimento.

Segundo Camargo (2011), o professor que tem uma postura autoritária e se utiliza de metodologias tradicionais, acaba por focar o centro do processo nele mesmo e não nos alunos, dificultando assim a criação de vínculos afetivos com seus alunos.

Piaget (1962) conceitua a afetividade como um agente que motiva a atividade cognitiva. Para ele, a afetividade e a razão se complementam; entende a afetividade como sendo a energia para mover a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar seus desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

atividade e a razão se complementam; entende a afetividade como sendo a energia para mover a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar seus desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

**Figura 4:** Gráfico mostrando o perfil de professor com o qual os alunos detectaram melhor aprendizagem

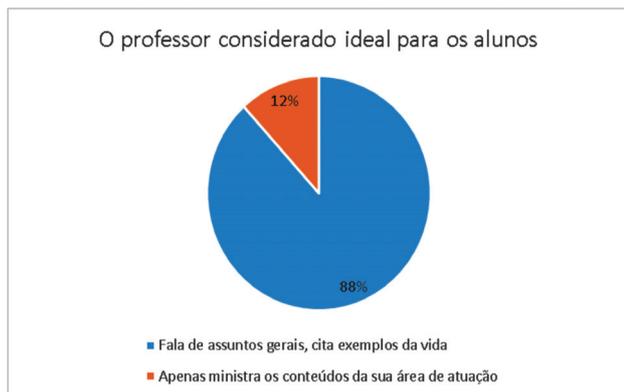


Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Quando questionados, de maneira geral, qual perfil deve ter o professor ideal, 88% dos entrevistados tem preferência pelos professores que, além de ministrarem aulas referentes à sua área de conhecimento, também trabalham outros assuntos pertinentes e conversam sobre assuntos gerais da vida em sala de aula, e 12% preferem os que apenas dão sua aula (figura 5).

O processo de construção do conhecimento não pode estar separado da afetividade manifestada na relação professor-aluno, e a qualidade da interação pedagógica é essencial, pois ela confere um sentido afetivo, através das experiências vividas, para o objeto de conhecimento (DIAS; ROSINI, 2012). Neste sentido se faz importante o professor ser reflexivo nas suas ações, mostrando-se preocupado com o aluno enquanto pessoa dotada de sentimentos, sendo primordial prezar e desenvolver diálogo nas aulas, pois o professor não deve se fechar apenas na sua área de conhecimento, visto que existem requisitos mínimos para compreendê-la, que podem ser desencadeados pelo prazer em aprender despertado pela afetividade na relação.

**Figura 5:** Gráfico que demonstra como os alunos enxergam o professor ideal



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Em relação à pergunta discursiva, os alunos contaram inúmeras histórias diferentes sobre memórias positivas envolvendo algum professor que passou pela sua trajetória escolar; destas 5% foram experiências vivenciadas na educação infantil, 39% nas séries iniciais e 56% nas séries finais do ensino fundamental (tabela 1).

Para Vasconcelos (1996), o professor não deve ser mero dador de aulas:

O professor – não o “dador” de aula – trabalha com a produção do sentido. Hoje, diante do clima de perplexidade do mundo, as pessoas estão procurando ansiosamente sentido para as coisas. É, portanto, o tempo por excelência do autêntico conhecimento, do verdadeiro mestre e do estudo na sua perspectiva radical (VASCONCELOS, 1996, p. 244).

O professor que deseja ver sentido na sua prática sabe da importância de refletir cotidianamente sobre a mesma, e toda prática com sentido envolve de certa forma afetividade. Ao analisar as memórias escolares dos entrevistados, vemos que aparecem questões de aprendizagem sempre ligadas ao carinho do professor que lembram, que gestos pequenos de professores ficam para sempre na memória dos discentes, seja um professor que deu um conselho, elogiou, incentivou, ou mesmo aquele que simplesmente teve um olhar diferenciado, expôs afeto de alguma maneira ajudou o aluno a se constituir enquanto cidadão.

Segundo Freire (1996):

Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno, com um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (FREIRE, 1996, p. 42).

Percebemos a importância do professor na vida do aluno em determinados momentos ou situações em que o seu amparo para alguma angústia encontrou refúgio dentro do ambiente escolar, fazendo com que o docente que o acolheu se torna marcante na sua trajetória escolar.

**Tabela 1:** Memórias com professores que marcaram a trajetória escolar dos alunos

Memória	Quantidade de alunos
Professor que fazia brincadeiras, era carismático e contava relatos da sua vida.	36
Professor carinhoso.	16
Professor que protegeu.	08
Professor que dava conselhos e incentivava.	37
Professor que auxiliou na aprendizagem do aluno.	17
Professor que ajudou a definir escolha profissional.	01
Professor que organizou projetos ou atividades diferenciadas.	12
Professor que proporcionou saídas de estudos.	14
Professor que deu presentes aos alunos.	05
Apenas citam o professor como o melhor.	14
Não responderam.	16

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Os alunos, no geral, recordaram de situações que envolviam sentimentos do professor. Selecionamos alguns relatos que mostram relações de afeto.

No relato do aluno A temos uma situação onde o professor levou o aluno a pensar e refletir sobre sua vida; segundo ele, fez com que mudasse de opinião sobre sua visão individualista na sociedade.

Aluno A: “O professor que me marcou bastante foi o de história, ele ensinava a gente a ser pessoas diferentes, pessoas boas e não ser só mais um... Pra gente lutar pelos nossos direitos de um cidadão e ser alguém na vida [...] ele sempre trazia reflexões pra gente, e sim o que ele sempre queria, hoje eu penso diferente, todas as aulas que conversava com nós não foi em vão! Se o sor não tivesse conversado com a gente, eu ia ser só mais um e pensar só em mim mesmo.” Estava no 6º ano – Aluno de 7º ano.

O aluno B cita uma professora da série de alfabetização que agia com carinho, cita-a como sua defensora, que, além de gerar vínculo de amor, auxiliou na sua aprendizagem na época.

ALUNO B: “Ela gostava de brincar, ajudar, a gente ia quase todos os dias na pracinha, porque ela gostava muito da gente, nos defendia, e eu gosto muito dela, também

*porque as aulas que dava eram legais e divertidas. Eu estava no 3º ano.” Aluno de 6º ano.*

O aluno C recorda do professor que se mostrava aberto ao diálogo e conselheiro de questões envolvendo a vida do aluno, mostrando o quanto o aluno sente-se incluído no ambiente escolar quando se faz ouvido.

ALUNO C: *“No 7º ano, o professor do projeto da banda fez e fazia uma atitude que realmente me surpreendi. Ele sempre, sempre mesmo, em todas as aulas falava que se quiséssemos conversar e se estivéssemos mal, ele sempre estaria ali para nos escutar e ajudar.” Aluno de 8º ano.*

O aluno D cita paixão pela disciplina ministrada por determinado professor, que vincula a aprendizagem a um laço afetivo.

ALUNO D: *“Acho que foi no 9º ano, onde comecei a estudar química e me apaixonei e agora é o que eu quero para minha vida.” Aluno do 9º ano.*

O aluno E relata uma saída de estudos onde teve a oportunidade de conhecer uma cachoeira. Ele confere o mérito à sua professora que propiciou a oportunidade. Mostra que essa professora foi especial por ter planejado uma oportunidade única para este aluno.

ALUNO E: *“Eu fui no passeio com a sora Maria no 3º ano e vi uma cachoeira linda”. Aluno de 6º ano.*

O aluno F relata uma professora que brincava com os alunos, e que para o aluno ela dava pequenos mimos só para vê-lo feliz. Demonstra que esta professora criou vínculo de carinho com seus alunos e isso facilitou sua aprendizagem e o desejo de estar na escola.

ALUNO F: *“A professora Márcia que sempre brincava e até um leque de papel ela comprou e deu pra gente, só para deixar a gente feliz, foi no segundo ano”. Aluno de 6º ano.*

Para finalizar elencamos o relato da aluno G, que mostra a importância da afetividade na escola. O aluno procurou refúgio para seus problemas familiares e o encontrou em conselhos de um professor, que o levou a repensar sua situação e encontrar alternativas de resolvê-la. Na adolescência é muito importante ter um adulto a quem confiar seus problemas e buscar ajuda.

ALUNO G: *“Bah, eu lembro muito bem. No 6º ano eu estava com muitos problemas em casa, daí eu cheguei na sala e não tinha feito o tema, estava feia (desarrumada) e chorando, aí não aguentei e fui conversar, desabafar e pedir conselhos pro meu professor. Meu, é sério, se não fosse a gente ter conversado e ter pensado bastante, eu tenho quase certeza que tinha voltado a me cortar (automutilação). Tipo eu jamais vou esquecer disso.” Aluna de 7º ano.*

Chalita (2004) descreve o ato de educar como nobre, mas também complexo, não sendo apenas um ato de transferir conhecimento, mas um ato que prepara o ser humano para a vida, para a autonomia e para a felicidade, e mesmo existindo várias formas de ensinar, o ato de educar só se dá com afeto e se completa com amor, o que ficou comprovado por meio dos relatos dos alunos entrevistados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da visão discente em relação à forma de ensinar por meio da afetividade, chega-se à conclusão de que os alunos aprovam essa abordagem de ensino e, por meio de suas memórias, percebe-se a influência e positividade em se usar práticas pedagógicas envolvendo afetividade no ensino. Apresentamos o amorismo como um meio de atingir uma aprendizagem significativa no ensino básico.

A concepção didática de ensinar por meio do amorismo leva em conta estabelecer como primeira meta para o docente cumprir seu papel de educador, gerar vínculos afetivos com seus alunos, pois isso é requisito primordial para o bom andamento das aulas e dá garantia de um ensino mais prazeroso e efetivo aos educandos, pois aprender com afetividade gera confiança e respeito na relação aluno/educador.

Estabelecer o carinho, cuidar com afetividade, importar-se de verdade, ou seja o amor no seu sentido mais amplo, pode, sim, potencializar nossa intervenção de fato na vida dos alunos ressignificando e qualificando o papel transformador na escola. Evoluímos tanto em tecnologia, em estudos científicos, mas ainda enfrentamos dificuldades simples de relacionamento entre as pessoas, que se dá devido à carência de afetos e cuidados uns para com os outros. O número de pessoas com depressão, pensamentos individualistas e a competição imposta na sociedade deixam bem claro a importância de valorizarmos em ordem primária a prática pedagógica do amorismo.

Ao nos referirmos a educador, incluímos também os funcionários das escolas como tais, pois todos ajudam a fazer a educação e transmitem emoções, desde o porteiro da escola até a merendeira. Todos os atores que compõem o ambiente escolar devem interagir de forma positiva uns com os outros, pois servem de referência à criança ou adolescente matriculada na instituição, que muitas vezes terão bases de amor, respeito e convivência social apenas naquele espaço.

O amorismo leva em conta a cultura, a realidade e o potencial de cada aluno, considerando que toda pes-

soa traz consigo qualidades e habilidades que podem ser úteis aos demais; cabe à escola explorar este potencial e incentivar os discentes a serem bons cidadãos.

É necessário que os discentes sejam inseridos em ambientes aconchegantes, que promovam seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, fazendo com que as influências do ambiente sejam positivas, ligando assim o lado humano e afetivo dos envolvidos nas relações de harmonia no ambiente escolar.

Muitas vezes o professor se diz disposto a ensinar apenas a quem quer aprender, mas é necessário lembrar daqueles alunos que não são atendidos neste critério; para estes um olhar especial faz toda a diferença, pois trabalhando o que ele desperta em potencial, por meio da compreensão e carinho, fará com que o aluno leve consigo lições de vida, e mesmo que decida no futuro ter uma profissão que não necessite de diploma acadêmico, por exemplo, ele terá requisitos essenciais para viver harmoniosamente em sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, H. **O amor através dos tempos**. São Paulo: Ed. Universo dos Livros, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: abr. 2018.
- CAMARGO, Z.A. O olhar afetivo do professor na superação das dificuldades de aprendizagem. In: SOUSA, A. B.; BARBOSA, I. B. (org.). **Cuidar da educação, cuidar da vida**. UFSC, Florianópolis, 2011, p. 215-220.
- CHALITA, G. **A pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- CHALITA, G. **Educação, a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.
- CONSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e Educação, como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y.; DANTAS, H. et al. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98.
- DIAS, P.; ROSINI, S. M. **A afetividade na relação professor aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem**. Maringá: UEM, 2012.
- FERREIRA, A. L.; RÉGNIER, N. M. A. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba: UFPR, , n. 36, p. 21-38, 2010.
- FREIRE, P. **Comunicação e extensão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. R. de (org.). **Henri Wallon- Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- MARCHAND, M. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus; Maringá: UEM, 1985.
- MATURANA, R. H. **Emoções e linguagens na educação e na política**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- PIAGET, J. **A relação da afetividade com a inteligência, no desenvolvimento mental da criança**. Texto retirado da internet e traduzido do original "The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child". **Bulletin of the Menninger Clinic**, London, v. 26, n. 3, p. 158-200, mar. 1962.
- PIAGET, J. **Gênese das estruturas lógicas elementares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SARNOSKI, E. A. Afetividade no processo Ensino-aprendizagem. **REI – Revista de Educação do IDEAU**, v. 9, n. 20, 2014.
- SOUSA, A. M. B.; MIGUEL, D. S.; LIMA, P. M. **Módulo 1: Gestão de cuidado e Educação Biocêntrica**. Florianópolis: NUVIC-CED-UFSC, 2010.
- TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno**. 2011. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t.PDF>>. Acesso em: 20 maio 2018.
- VASCONCELOS, C. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**, 227- 252. 1996. Disponível em: < [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p227-252\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf)>. Acesso em: maio 2018.
- YGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.